

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
ITALO DAVID GALVÃO DA SILVA**

**O PRIMO BASÍLIO: AS IDÉIAS E O AMBIENTE INTELECTUAL EM
PORTUGAL NO PERÍODO DA *REGENERAÇÃO* (1857 - 1890)**



**Natal/RN
2007**

ITALO DAVID GALVÃO DA SILVA

**O PRIMO BASÍLIO: AS IDÉIAS E O AMBIENTE INTELECTUAL EM
PORTUGAL NO PERÍODO DA *REGENERAÇÃO* (1857 - 1890)**



Monografia submetida à avaliação da banca como exigência para a obtenção do diploma de graduação em Licenciatura Plena e Bacharel do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte orientada pelo Prof.Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

**Natal/RN
2007**

RESUMO

Este trabalho tem a proposta de fazer uma análise sobre o ambiente intelectual em Portugal no último terço do século XIX, precisamente de 1857 a 1890, apreciando, sobretudo, as idéias defendidas pelos membros da Geração de 70. Dessa forma, faremos uma análise sobre o referido grupo e da escola literária da qual faziam parte: o Realismo. Investigaremos também a vida intelectual de um dos seus grandes representantes, Eça de Queirós, e de uma de suas obras, *O primo Basílio*, no sentido de buscarmos uma maior compreensão acerca das idéias de sua geração. Idéias essas que terminaram por transformar radicalmente a cultura portuguesa.

**O PRIMO BASÍLIO: AS IDÉIAS E O AMBIENTE INTELECTUAL EM
PORTUGAL NO PERÍODO DA *REGENERAÇÃO* (1857 - 1890)**

ITALO DAVID GALVÃO DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

PROFº DRº DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

1º MEMBRO

2º MEMBRO

NATAL/RN

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. A Geração de 70 e a sociedade da <i>Regeneração</i>.....	6
1. 1. Novos olhares sobre Portugal.....	6
1. 2. Realismo: a literatura como campo de combate.....	11
2. Eça de Queirós: a literatura como campo de batalha.....	14
2. 1. Lembranças da fantástica Coimbrã.....	15
2. 2. A evolução das idéias e do artista.....	18
3. Anatomia d’<i>O primo Basílio</i>.....	23
3. 1. O enredo.....	23
3. 2. A estrutura da obra.....	26
3. 3. Publicação e recepção da obra: a estética e as idéias.....	35
Conclusão.....	38
Bibliografia.....	41
Anexos	

“Para que qualquer produto intelectual de peso possa surtir de imediato um efeito amplo e profundo, é preciso que haja uma afinidade secreta, uma coincidência entre o destino pessoal de seu autor e o destino anônimo de sua geração.”

(Thomas Mann, *Morte em Veneza*)

*“O todo sem a parte
não é todo,
A parte sem o todo
não é parte,
Mas se a parte faz
o todo, sendo parte,
não se diga, que é
parte, sendo todo.”*

(Gregório de Matos, *Poesias satíricas*)

INTRODUÇÃO

Em 1878, Machado de Assis, ao comentar sobre *O primo Basílio*, do escritor português Eça de Queirós, afirmará que o escritor fracassou se tinha a intenção de demonstrar algum ensinamento através do referido romance. É um comentário curioso, já que qualquer análise minimamente criteriosa sobre a vida e obra de Eça, revelará a natureza doutrinal de sua ficção. Este trabalho não poderia partir de uma observação mais adequada.

É bastante conhecido o fato de que, em meados do século XIX, a Europa inteira, passa por grandes mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais: a expansão do capitalismo, o crescimento industrial e urbano, o Imperialismo. É, enfim, um século de Revoluções.¹ A literatura Realista surge como reação a realidade lastimável das populações citadinas, dos operários e da sociedade industrial como um todo. Em Portugal, país periférico, mas que também passa por consideráveis transformações, principalmente nas esferas política e econômica, o Realismo literário é inaugurado por Eça de Queirós, o grande representante desse movimento em seu país. Eça representa também a chamada Geração de 70, grupo de intelectuais com propósitos reformistas, colegas no Realismo. Os membros dessa geração tinham clara ambição de revolucionar seu país, e a literatura seria um dos principais veículos de propagação das novas idéias. Então as dúvidas são: de que maneira essas idéias estavam representadas na produção literária a ponto de serem incompreendidas por um intelectual do nível de Machado de Assis e outros intelectuais? Como podemos identificar o ideário da Geração de 70 na obra em questão?

A missão deste trabalho é tentar identificar, a partir de um breve estudo sobre a Geração de 70 e da obra *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, as idéias e as evidências que permitam compreender melhor o ambiente intelectual português no último terço do século XIX. Espero, também, atender a outras preocupações mais específicas, tais como:

¹ RÉMOND, René. *O século XIX. (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 13 - 14

1. Contribuir para os estudos historiográficos sobre as idéias (ou história intelectual), particularmente no que se refere aos climas de opinião, movimentos literários na Portugal do fim do século XIX.
2. Analisar a diversidade interna da Geração de 70, a partir da percepção de uma realidade multifacetada presente em Portugal no período em questão.
3. Identificar nos elementos temáticos e estéticos do romance supracitado, aspectos que evidenciem o ideário da Geração de 70.

Dentre as obras queirosianas de orientação naturalista, o romance em questão foi escolhido por apresentar uma maior variedade de personagens e, conseqüentemente, uma visão mais ampla por parte da Geração de 70 sobre a sociedade portuguesa.

Em minúcia, o limite temporal deste trabalho é 1857-1890, dado que é este o intervalo de tempo que o Realismo/Naturalismo preponderou nas Letras Portuguesas; já a delimitação espacial não é tão fácil, visto que a história das idéias nem sempre aceita recortes espaciais precisos. Porém, como falamos de um grupo de intelectuais vindos de diferentes regiões de Portugal e cujas aspirações revolucionárias contemplavam todo o país, podemos, sem muita discussão, apontar Portugal como recorte espacial.

O presente trabalho insere-se no que se convencionou chamar de “História Cultural”, da qual a História Intelectual é uma pequena parte², dividindo espaço com as Mentalidades, a Micro-história, a História do Imaginário, entre outras modalidades de trabalho historiográfico. Interdisciplinar, esse domínio da história mantém íntimas conexões com a antropologia, com a filosofia, com a lingüística e com a psicologia, revelando grande afeição pelo informal e, sobretudo, pelo *popular*,³ preocupando-se também em resgatar o papel das classes sociais, da estratificação, e mesmo do conflito social no campo da cultura. É interessante lembrar que a história cultural é plural, apresentando caminhos de investigação diversos e as vezes incongruentes.⁴ Entre seus principais expoentes estão Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Edward Thompson, e no Brasil, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Laura de Melo Souza entre outros. Quanto ao domínio das idéias, mais precisamente, constatamos uma carência de estudos

² BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 3.ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 56

³ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

⁴ BARROS, op. Cit., p. 55.

por parte da ciência histórica; encontramos obras de referência em outras prateleiras, como as da sociologia, da antropologia, da filosofia, etc. Autores como Norbert Elias, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Mikhail Bakhtin deram grandes contribuições ao estudo das idéias. Há alguns estudos no Brasil, como por exemplo: *Ideologia da cultura brasileira* (1975), de Carlos Guilherme Mota; *Evolução do pensamento político brasileiro* (1989), de Alfredo Bosi e *Pensando nos trópicos* (1991), de Luiz Costa Lima. No entanto, é preciso salientar que em muitas dessas obras torna-se difícil identificar com precisão o conceito de *idéias*, podendo este ser confundido com *ideologia*.⁵ Neste trabalho, privilegiarei as orientações da obra de Roger Chartier, que também trabalha o conceito de *representação* (conceito fundamental deste trabalho) na literatura.

Para cumprir a tarefa a qual me propus, a de tentar compreender melhor as idéias que circulavam entre os intelectuais portugueses no fim do século XIX, vou submeter a análise a trajetória intelectual de Eça de Queirós, legítimo representante da Geração de 70, e a obra já mencionada. Esse método que visa iluminar o todo através de uma parte, essa análise metonímica, foi utilizada com êxito por Carlo Ginzburg⁶, que, partindo da análise de um acontecimento singular (o julgamento de Menocchio) esclareceu alguns elementos da cultura popular e erudita do século XVI. Algo semelhante encontramos em Nicolau Sevcenko⁷ e Mikhail Bakhtin⁸, que procuraram identificar a perspectiva social em produções artísticas específicas.

É hora, então, de definirmos alguns conceitos operacionais para o desdobramento desta pesquisa. Em primeiro lugar, o conceito de *idéia* nos levará a dialogar com outras disciplinas. Dewey, Heidegger, Saussure e Foucault são autores que abordaram, direta ou indiretamente essa questão.⁹ Mas é Eliseo Verón quem nos ajudará nessa conceituação. Verón defende uma concepção representacional das idéias. Ou seja, as idéias são processos de significação da realidade, e como processos, não admitem

⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 122

⁶ Ver GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁷ Ver SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁸ Ver BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1985.

⁹ CARDOSO, op. Cit., p. 96.

classificações fixas, do tipo “idéias políticas”, “idéias literárias”, “idéias jurídicas”, podendo, na verdade, desempenhar diversas funções.¹⁰

O conceito de *idéia* aproxima-se muito de outro conceito, também bastante importante para nós: o de *representação*. Segundo Jacques Le Goff, o campo das representações “engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”, e está ligado ao processo de abstração.¹¹ Outro autor que teorizou sobre o conceito é Carlo Ginzburg, que, além de considerar os processos mentais dos quais fala Le Goff, discute a materialização desses processos, como no caso do uso de imagens em ritos funerários medievais.¹² Mas em virtude da abordagem que aqui faremos das fontes, especificamente do texto literário, encontramos em Chartier a possibilidade de equacionar esse conceito. Para ele um fato nunca é um fato; o que temos é sempre a representação desse fato, e através desta nos aproximamos daquele. A literatura, por exemplo, é representação porque é produto de uma prática simbólica que se transforma em outras representações.¹³ E, a respeito do romance que escolhemos, podemos afirmá-lo fruto de interesses específicos de um grupo social, que disputa a hegemonia política e discursiva em relação à interpretação correta de uma dada situação social. Dessa forma, entendemos a *representação* como sendo um elemento ligado ao processo de abstração, capaz de atribuir um sentido a realidade e, ao mesmo tempo, interferir na construção desta.

Outro conceito é o de *Realismo/Naturalismo*, tendência literária que norteia a composição d’*O primo Basílio*. Na verdade, trata-se de dois conceitos. O Realismo e o Naturalismo têm, cada um, suas especificidades, contudo, possuem as mesmas diretrizes básicas, sendo o Naturalismo uma vertente do Realismo. Através da junção dos dois conceitos, muito bem definidos por Massaud Moisés¹⁴, consideraremos o Realismo/Naturalismo como doutrina literária e artística surgida na Europa em meados do século XIX, que pregava a aplicação dos métodos da ciência positiva à arte de modo

¹⁰ Idem.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994. p. 11

¹² GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85-103

¹³ CHARTIER, Roger. História e literatura. In: _____. *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 259

¹⁴ MOISES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 315-316 e 378-380

a atingir uma objetividade perfeita, demonstrando também grande preocupação com os problemas sociais.

Para facilitar nossa caminhada, partiremos de algumas hipóteses: em primeiro lugar, acredito que a Geração de 70 não forma um grupo tão homogêneo como faz crer Álvaro Machado¹⁵, considerando a diversidade de concepções políticas, filosóficas, artísticas e mesmo a origem social de seus membros; em segundo lugar, penso que o romance que iremos analisar é portador tanto das idéias da geração, como de suas contradições; por último, espero a partir da teoria de Eliseo Verón acerca do caráter dinâmico das idéias, analisar como estas se transformam, readaptam-se conforme seu deslocamento no tempo e no espaço. Creio que as idéias dos pensadores que influenciaram a geração de Eça, foram por eles apropriadas e redimensionadas para se ajustar à realidade da Portugal do fim do século XIX.

A partir dessas hipóteses, o trabalho se estrutura da seguinte forma: no primeiro capítulo analisaremos a realidade portuguesa no período de 1857 a 1890, no sentido de compreendermos a conjuntura na qual se formou a Geração de 70 e a literatura realista portuguesa; no segundo capítulo, investigaremos a vida intelectual de Eça de Queirós, tomado como representante de sua geração, desde a época em que estudava em Coimbra (1861-1866) até sua apresentação nas *Conferências do Cassino Lisbonense* (1871), de modo a entendermos a formação e as transformações das idéias defendidas pela Geração de 70 e que caracterizaram a composição do romance *O primo Basílio*; e, finalizando, no terceiro capítulo, analisaremos o romance *O primo Basílio*, onde buscaremos identificar as idéias da Geração de 70 nos elementos temáticos e estilísticos da obra. E ainda neste capítulo faremos algumas considerações sobre a recepção do romance em Portugal e no Brasil, para sabermos até que ponto as idéias presentes na obra foram compreendidas e adotadas pelo público leitor.

¹⁵ MACHADO, Álvaro Manuel. *A geração de 70: uma revolução cultural e literária*. Lisboa: ICALP, 1977.

1. A Geração de 70 e a sociedade da *Regeneração*.

Tentar compreender as aspirações e contradições da Geração de 70 é exatamente a finalidade deste trabalho. E como já mencionei, o farei por meio da análise da obra de um de seus componentes: Eça de Queirós. Mas, para tanto, é imprescindível que, já neste capítulo, localizemos essa Geração no espaço e no tempo, apreendendo as conjunturas ou o cenário histórico no qual se insere esse grupo.

Isso será muito útil também para nos aproximarmos do universo mental de Eça, já que, para analisarmos os elementos condicionantes de sua produção literária, teremos, evidentemente, de conhecer a origem e o habitat de suas concepções políticas, filosóficas e artísticas. As forças externas que atuaram no processo de criação de suas obras. Isso nos remeterá prontamente à Geração de 70.

O desafio deste capítulo será, então, iluminar o período em que a Geração de 70 se formou e se consagrou como elite intelectual de Portugal. Tentarei estabelecer, de maneira breve e sob vários aspectos, um panorama do país no final do século XIX, detendo-me um pouco mais sobre o aspecto cultural, a partir do qual apresentarei, sucintamente, a Geração de 70 e a *Literatura Realista*.

1.1. Novos olhares sobre Portugal.

De início, e *grosso modo*, poderíamos insinuar que a Geração se configura num grupo de intelectuais (liberais em geral) que almejava uma profunda revolução cultural e política, objetivando a ascensão social, cultural e econômica portuguesa a patamares semelhantes à de ingleses e franceses.¹⁶

Dentre os muitos intelectuais que fizeram parte desse grupo, poderíamos citar Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro e Gomes Leal. Mas seus verdadeiros mentores se resumem ao quarteto: Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão¹⁷. Seria difícil estabelecer um paralelo entre as vidas desses personagens. Se suas origens sociais foram bastante diferentes – da fidalguia açoriana

¹⁶ MACHADO, Op. Cit. P. 9

¹⁷ Ibidem, p. 19.

de Antero à média burguesia lisboeta de Oliveira Martins, passando pela média burguesia portoense, culturalmente mais fechada, de Ramalho Ortigão e pela alta burguesia com resquícios de aristocracia de Eça de Queirós – suas carreiras profissionais e posições políticas foram por vezes opostas (entre socialistas e liberais)¹⁸, assim como suas formações filosóficas e literárias.

Houve, porém, um momento em que as idéias convergiram; um trecho histórico breve, mas suficiente para alterar toda a realidade cultural do país; uma confluência de interesses por parte dos intelectuais portugueses, produto da situação sócio-econômica que o país atravessava. Esse trecho de que falamos está inserido dentro de um período da história – que vai, *grosso modo*, de 1851, da revolta militar que levou ao poder o marechal Saldanha, até a proclamação da República, em 1910 – que ficou conhecido como *Regeneração*.

Ao estabelecer um breve panorama dessa época, avistamos no plano político a prática da Monarquia Parlamentar, que, na realidade, se configura numa tentativa falha de copiar o modelo de Estado inglês. A diferença é que o rei lusitano governa de fato, não se reduzindo, como na Inglaterra, à uma figura meramente “decorativa” ou simbólica. O parlamento é dominado por uma facção que reúne membros de dois partidos: os *regeneradores* e os *progressistas*¹⁹. Apesar de adotarem plataformas políticas aparentemente opostas, esses partidos se alternam no poder sem que se perceba qualquer mudança. É em decorrência disso que, em 1873, é fundado o Partido Republicano e mais adiante, em 1875, o Partido Socialista, ambos em oposição à Monarquia Parlamentar, defendida pelos dois primeiros.

O quadro econômico se caracteriza por um relativo progresso material. Portugal segue mantendo uma economia quase totalmente agrícola e sendo um dos mais pobres do continente, mas houve ainda sim um pequeno avanço, notoriamente, na indústria têxtil²⁰. Contudo, essa tentativa de industrialização, idealizada por Antonio Pereira de Melo (político da industrialização) e apoiada por D. Pedro V, tomou um rumo inesperado: o investimento em ferrovias acabou facilitando a entrada de produtos

¹⁸ MACHADO, Op. Cit. P. 33

¹⁹ HOMEM, Amadeu Carvalho. Jacobinos, liberais e democratas na edificação do Portugal Contemporâneo. In: *História de Portugal*. P. 341-359.

²⁰ PEREIRA, Miriam Halpern. Diversidade e crescimento industrial. In: *História de Portugal*. P. 295-317.

ingleses no mercado interno, efeito retroativo que terminou massacrando a nascente indústria local.

No campo das idéias temos então a democracia burguesa como discurso hegemônico. Paralelamente, decorrente dessa democracia (mais política do que social), alastram-se idéias socialistas, científicas e utópicas. O cientificismo, largamente disseminado após as descobertas de Charles Darwin e defendido enfaticamente por grandes teóricos como Augusto Comte e Hipólito Taine, passa a dominar a filosofia. E quando o relacionamos ao fortalecimento do papel dos Estados Nacionais, veremos ainda, como consequência, o enfraquecimento das filosofias religiosas, ou, a *descristianização* da sociedade²¹.

Quase toda a população portuguesa vive no campo, onde a taxa de analfabetismo é de aproximadamente 80%.²² Nas cidades, a exemplo do campo, a vida cultural é monótona, quase inexistente, e, além disso, mascarada por uma imitação grotesca do que ocorre nos grandes centros europeus, principalmente em Paris.²³ Esse provincianismo cultural é perfeitamente exemplificado pela euforia da pequena e média-burguesia diante da moda, das mulheres francesas e das apresentações de *cancan*²⁴.

É nesse ambiente, ou em reação a ele, que surge a Geração de 70, tendo como principal frente de combate à cultura, e protestando mais firmemente contra a literatura e a política em voga. O grupo liderado por Antero de Quental tinha dois objetivos muito claros: “1) Repensar, pôr em questão toda a cultura portuguesa desde as suas origens, fixando-se no ponto mais elevado e mais complexo de sua história, o das descobertas; 2) preparar ao menos uma fase inicial de uma profunda transformação na ideologia política e na estrutura social portuguesas, prenúncio da Revolução Republicana de 1910”²⁵.

Como foi dito anteriormente, esse grupo é fundamentalmente heterogêneo, composto por elementos muitas vezes divergentes. Mas alguns pontos a ele

²¹ RÉMOND, Op. Cit. P. 170-173.

²² JÚNIOR, Benjamim Abdala. *Literatura comentada: Éça de Queirós*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 9.

²³ MACHADO. Op. Cit. P. 24.

²⁴ Dança típica dos bordéis franceses do século XIX, no qual as dançarinas executavam passos de extremas flexibilidade e sensualidade, movimentando os quadris e levantando as saias.

²⁵ MACHADO, Op. Cit. P. 16-17.

relacionados são certamente passíveis de generalização, como se pode notar nas ações que marcam a trajetória do grupo.

Uma das mais polêmicas ações ficou conhecida como *A Questão Coimbra* (1865), que foi na verdade um confronto público entre escritores românticos, liderados por Antônio Feliciano de Castilho, e os jovens literatos adeptos do realismo, tendo à frente Antero e Teófilo Braga. Em carta-aberta, Antero critica severamente o autor de *Amor e Melancolia* (1828), na época o grande representante do romantismo, deixando evidente sua rejeição a essa estética caduca, que se debatia diante do fim:

Levanto-me quando os cabelos brancos de V. Exa. passam diante de mim. Mas o travesso cérebro que está debaixo e as garridas e pequeninas cousas que saem dele confesso não merecem, nem admiração, nem respeito, nem ainda estima. A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. Exa. precisa menos cinqüenta anos de idade, ou então mais cinqüenta anos de reflexão.²⁶

Mas o episódio mais marcante da Geração de 70 se deu nas *Conferências do Cassino Lisbonense* (1871)²⁷. Os temas apresentados revelam os reais interesses da coligação.

A primeira conferência, ministrada por Antero, clama pela participação de todos num processo de reforma necessária da sociedade. Na segunda conferência o poeta discorre sobre as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, apontando como um dos fatores desse declínio o catolicismo, responsável, segundo ele, por desvirtuar o cristianismo e atrofiar a consciência dos homens. Outro fator seria a monarquia, culpada pela falência e ociosidade do Estado.

Em seguida, Augusto Saramenho discute a literatura portuguesa, onde questiona os valores nacionais, poupando apenas Camões, Gil Vicente e outros poucos.

Na quarta conferência Eça de Queirós discursa sobre *A Literatura Nova – o Realismo como nova expressão da arte*, que foi explicitamente um grito de revolta contra as tradições literárias. O escritor expõe o ideário realista, tendendo para o naturalismo, visto que acreditava na arte como produto da sociedade, subordinada a

²⁶ In: MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 32.ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 159.

²⁷ JÚNIOR, Antônio Salgado. *As Conferências do Casino*, Lisboa, 1930. (reconstituição)

fatores não só individuais, mas também étnicos, ligados ao ambiente e às circunstâncias históricas.

Finalmente, a última conferência, acerca d'*A Questão do Ensino*, é proferida a 19 de junho por Adolfo Coelho. Nesta, são apresentadas as formas de ensino utilizadas em Portugal, afirmando sua decadência como produto da união da Igreja com o Estado. A solução seria, então, precisamente, a separação das instituições, de forma a promover a liberdade de pensamento.

Outras conferências estavam programadas, mas o governo ordenou que se fechasse o cassino. Note-se os temas: *Os Historiadores Críticos de Jesus*, por Salomão Sáraga; *O Socialismo*, por Jaime Batalha Reis; *A República*, por Antero de Quental; *A Instrução Primária*, por Adolfo Coelho; *A Dedução Positiva da Idéia Democrática*, por Augusto Fuschini. As temáticas nos mostram bem o ambiente revolucionário que pairava em torno dos “setentistas”. Apesar de encerradas as conferências, a Geração ganhou novos adeptos.

Tendo em vista as informações acima expostas, poderíamos ensaiar uma definição, ou melhor, uma descrição do que teria sido essa geração e suas pretensões para com a nação portuguesa.

Inicialmente, diríamos que se trata de um grupo de intelectuais cuja breve trajetória vai do espírito combativo e radical do *Cenáculo* – grupo de jovens escritores liderados por Antero de Quental nas décadas de 1860-70 – até o período de renúncia das ações diretas, na década de 1880, época de um conformismo que caracteriza o grupo gastronômico *Vencidos da Vida* (Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Eça de Queirós). O Socialismo Proudhoniano e o liberalismo pequeno-burguês os dividia, sendo partidários do primeiro Antero de Quental, Eça de Queirós e Oliveira Martins, e do segundo Teófilo Braga e Ramalho Ortigão. Anticlericais e racionalistas, enxergavam como em degradação a vida cultural e política de seu país. Eram, enfim, idealistas que imaginavam uma Portugal livre da monarquia provinciana, influenciada social, econômica e culturalmente por ingleses e franceses, e em princípios da formação de uma ideologia republicana e pequeno-burguesa.

Talvez essa breve descrição possa nos ajudar a formular um juízo razoável sobre as idéias que se faziam presentes nas mentes desses intelectuais. Mas tendo em vista



que a literatura foi o campo por onde, não somente Eça de Queirós, mas toda a Geração se movimentou mais habilmente, acredito que qualquer tentativa de conhecer o universo mental desses personagens se torne vã, se descuidarmos de analisar o *Realismo Literário*. Se as pretensões desses intelectuais não se concretizaram no campo político (daí a denominação *Vencidos da Vida*), o mesmo não se pode dizer da literatura e da cultura portuguesas, que indiscutivelmente sofreram uma violenta reviravolta.

1. 2. Realismo: a literatura como campo de combate

De origem francesa, o Realismo literário se relaciona intimamente com as idéias correntes na Europa do fim do século XIX. Assim, na tentativa de compreender esse movimento artístico, é necessário estar a par da produção filosófica e científica desse período. Obras de grande repercussão, como *A Vida de Jesus* (1860), de Ernest Renan, ou o *Curso de Filosofia Positiva* (1830-1842), de Augusto Comte, ou *Filosofia da Arte* (1865-1869), de Hipólito Taine, exemplificam o espírito científico e humanitário da época. Isto sem mencionar o forte estrondo provocado no campo das ciências biológicas por Charles Darwin, ao publicar *A Origem das Espécies* (1859). Todos esses grandes teóricos procuraram enfatizar a importância da ciência para a vida do homem, reduzindo, ou mesmo refutando, as reflexões teológicas e metafísicas. O homem deveria se deter apenas na “análise objetiva” da realidade concreta e experimentável.²⁸

Obedientes a atmosfera científicista desse período, os escritores realistas tornam-se observadores atentos de sua sociedade. Mas além de observar, procuram, paralelamente, denunciar o que julgam degradante ao homem e ao seu processo evolutivo. O Realismo, como o próprio nome indica, é a negação do que é “ideal”, do que é “romântico”. Obras clássicas como *Crime e Castigo* (1866), de Dostoiévski e *Guerra e Paz* (1865-1869), de Leon Tolstói, não oferecem ao leitor um universo, digamos, agradável; ao contrário, essas ficções representam uma realidade sórdida, com todas as misérias e “imoralidades” que permeiam as relações humanas e as condições de

²⁸ MOISÉS, Op. Cit. (A Literatura Portuguesa). P. 163-165.

vida nas grandes cidades européias. Ao contrário dos escritores românticos, que muitas vezes ambientavam seus romances em épocas passadas, notadamente na Idade Média; os realistas, por terem uma espécie de compromisso com o desenvolvimento social, escreviam sobre sua época. Apontavam, com pretensa objetividade, o que acreditavam ser as mazelas que afligiam os povos europeus. A obra literária passou a ser instrumento de reforma social.²⁹

Em Portugal, o Realismo parece ter constituído um dos movimentos mais ricos da Literatura Portuguesa. Segundo Massaud Moisés, o teatro foi a única representação cultural que não criou obras importantes nesse período.³⁰

Discussões acerca da nova escola surgiram em 1865, na já mencionada *Questão Coimbra* e nas *Conferências do Cassino Lisbonense*. Mas é somente dez anos mais tarde, com a publicação d'*O Crime do Padre Amaro* (1875), que a nova estética surge nítida e definitivamente. Através dessa obra, Eça de Queirós introduz oficialmente o Realismo em Portugal. Na poesia, destacaram-se Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Cesário Verde e Antero de Quental. Na prosa, sobressaíram Fialho de Almeida, Oliveira Martins e Eça de Queirós.³¹

Concordando com as idéias da época, Eça utiliza seus romances para a tacar a Igreja, a Monarquia e a Burguesia, instituições apontadas pela Geração de 70 como sendo as causadoras do “atraso cultural e sócio-econômico” da nação portuguesa. Nesse sentido, o escritor procura expor, da forma mais ampla possível, um quadro da sociedade portuguesa, o que faz de seus romances verdadeiras “crônicas de costumes”.

Por volta de 1890 o *Realismo/Naturalismo* tinha perdido o seu ímpeto em Portugal. Em 1893 o próprio Eça, nas *Notas Contemporâneas*, declarava que “O homem experimental, de observação positiva, todo estabelecido sobre documentos, findou (se é que jamais existiu, a não ser em teoria)”³²

²⁹ Idem.

³⁰ Idem. P. 168.

³¹ Idem. P. 169-205.

³² Notas contemporâneas. P. 1561.

A literatura realista se incumbiu de analisar a sociedade portuguesa de uma maneira que a historiografia do período não foi capaz de fazer. Através dela vislumbramos não só a vida cotidiana da sociedade da Regeneração em camadas geralmente desprezadas pela historiografia, como também os desejos, as aspirações da intelectualidade: os discursos permeadores e coercivos dessa sociedade. Eça de Queirós é consensualmente o mais expressivo dos escritores dessa geração. Sua obra pode ser considerada como sendo um verdadeiro inquérito da sociedade de sua época. Mas antes de analisarmos um de seus mais significativos romances, *O Primo Basílio*, teremos de investigar primeiramente a vida do escritor para que possamos obter informações que, agregadas às supracitadas, nos levem ao universo conceitual que constitui sua ficção.

2. Eça de Queirós: a literatura como campo de batalha

Na primavera de 1871, o tradicional Cassino Lisbonense se tornaria palco para um acontecimento que daria início a uma nova maneira de pensar a sociedade portuguesa. Uma verdadeira revolução cultural se delineava no que a historiografia nomeou como *Conferências do Cassino Lisbonense*. No dia 12 de junho, seguindo a programação do evento, realizou-se uma conferência intitulada “*O Realismo como nova expressão da arte*”, proferida pelo jornalista José Maria Eça de Queirós. A respeito do Realismo dissertara ele:

É a negação da arte pela arte; é a proscrição do convencional, do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada arte de promover a emoção, usando inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. Por outro lado, o Realismo é uma reacção contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do carácter, é a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houver de mau na sociedade.

E a seguir acrescentara:

A norma agora são as narrativas a frio, deslizando como as imagens na superfície de um espelho, sem intromissão do narrador. O romance tem de nos transmitir a natureza em quadros exactíssimos, flagrantes, reais.(...) O que queremos nós com o Realismo? Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau, por persistir em se educar segundo o passado; queremos fazer a fotografia, ia quase a dizer, a caricatura do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc., e, apontando-o ao escárnio, à gargalhada, ao desprezo do mundo moderno e democrático – preparar a sua ruína.³³

Essas polêmicas frases do autor d’*O Primo Basílio* resumem grande parte do ideário de sua geração. Creio, no entanto, ser conveniente e necessário investigar mais a fundo a relação entre Eça e as idéias: o início de sua vida intelectual, o desenvolvimento das idéias imbricadas a sua vida pessoal e relacionadas às idéias de seus companheiros.

³³ JÚNIOR, op. Cit., p. 55-56.

2. 1. Lembranças da fantástica Coimbra

Acredito que seja na Universidade de Coimbra, cursando Direito (1861-1866) que Eça de Queirós dará início a sua trajetória literária e intelectual, até porque, em seus escritos, tudo o que vem antes é obscurecido.

É em Coimbra que Eça conhece alguns companheiros de geração, como Antero de Quental; que se inicia nas leituras de Michelet, Victor Hugo, Proudhon e outros autores, os quais parecem ter-lhe causado um enorme impacto:

Cada manhã trazia sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon, e Hugo, tornado profeta e justiceiro dos reis; e Balzac, com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como o universo; e Poe, e Heine, e creio que já Darwin e quantos outros!³⁴

Parece ter sido nessa época que o escritor despertou para o problema religioso, o social-econômico, as grandes questões científicas e os conflitos políticos na Europa e além. Em Coimbra, portanto, tem origem sua vida intelectual.

Porém, apesar de ser um período de grandes descobertas, é interessante notar a maneira como Eça se refere àquela instituição:

(...) era para nós uma madrasta amarga e carrancuda, rabugenta, de quem todo o espírito digno se desejava libertar, rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astúcia, pela empenhoca, pela sujeição à sebenta, esse grau que o Estado tornava a chave das carreiras.³⁵

Uma universidade anacrônica, estagnada, como faz crer as palavras de Eça, configura o cenário perfeito para despertar o espírito de revolta que perdurará, quem sabe, até as Conferências do Cassino.

Curiosamente, ao lermos com atenção os registros de Eça sobre esse período, nos damos conta de um fato surpreendente: todas as questões suscitadas à época, referentes à sociedade, à economia, à cultura etc., todos os acontecimentos, os embates político-

³⁴ *Obras de Eça de Queirós*. Vol. II. [Os Maias – Cartas de Inglaterra – Últimas páginas – As minas de Salomão – Correspondência de Fradique Mendes – Ecos de Paris – Cartas familiares e bilhetes de Paris – Notas contemporâneas]. LELLO e IRMÃO – EDITORES. Porto. p. 1544 - 1545

³⁵ *Idem*.

ideológicos (dos quais Antero participou tão fervorosamente, e, às vezes, o próprio Eça), tudo parecia fazer parte de um mundo fantástico, irreal. Eça relembra esse tempo como se remetesse a um sonho em que as coisas não tinham consistência ou seriedade, o que nos dá a impressão de uma certa atitude descompromissada por parte do escritor. Cada um desses importantes eventos foi para ele “tão ligeiro e vago como o fumo”. Coimbra foi para o escritor uma época de fantasia, boemia e idealização.³⁶

Isto não quer dizer que Eça tenha vivido numa atmosfera diferente da que viveu Antero, ou Oliveira Martins, ou Teófilo Braga (todos esses bastante engajados na vida política do país). Na verdade, esse poder de idealização era compartilhado pelos jovens estudantes.³⁷ É provável que a diferença entre eles esteja na inclinação de Eça para a arte. Ele admite³⁸ que foi Victor Hugo sua grande influência nessa época: a riqueza temática e estilística de sua obra, a vastidão de lugares e épocas históricas constituindo um verdadeiro banquete para sua imaginação. Certamente outras leituras fizeram parte de sua educação em Coimbra; autores como Edgar Allan Poe, Nerval e, talvez em maior grau de importância, Michelet, com sua prosa larga, ressuscitando mundos desaparecidos ou remotos, sendo bastante invocado nos escritos de Eça. A arte é, então, a via pela qual Eça penetra no mundo das idéias. Ou seja, as idéias lhe chegam muito indiretamente por não ser através dos filósofos ou dos cientistas.

Essas idéias, provenientes dos grandes mestres da geração de 70, de uma maneira geral, pregam que a história da natureza e a história do homem documentam o desenvolvimento e o progresso de uma força imanente – a aspiração pela liberdade.³⁹ Vinculadas a essa crença evolucionista, positivista, estão a ciência, a técnica e a política. Mas essas questões, que tanto inspiram Antero, Teófilo e Oliveira Martins, têm, como já foi dito, pequena ressonância em Eça de Queirós, que demonstra mais simpatia pelo misticismo atrelado à um bucolismo contemplativo que vê o progresso técnico como algo lamentável porque rouba ao homem a doçura dos campos, tal como procurará demonstrar n’*A Cidade e as Serras* (1901).

³⁶ SARAIVA, Antônio José. *As idéias de Eça de Queirós*. Lisboa, São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 68

³⁷ Idem.

³⁸ Notas Contemporâneas p. 1422 - 1430

³⁹ SARAIVA, Op. Cit. P. 76.

Não obstante, através dessa filosofia da natureza e do homem, podemos, sim, insinuar uma teoria da vida econômica e social. Eça de Queirós parece ter herdado um preconceito romântico contra o burguês, símbolo da materialidade dos tempos e, paralelamente, a exaltação lírica do proletário. Mas não se deve intuir que tenha provido da oposição marxista burguesia-proletariado. Levando em conta suas influências literárias, é mais plausível que essa visão sócio-econômica tenha origem no romantismo socialista, notadamente no de Victor Hugo d' *Os Miseráveis* (1862).

É já no término do curso de Direito que Eça conhece, através de Antero de Quental, as idéias de Proudhon. Nessa época adquire alguma noção da máquina econômica de sua época, o que demonstra num artigo sobre os Estados Unidos:

Diz-se que na América há um constante aumento de tráfico, de receitas, de riquezas: há aumento; mas não há justa distribuição. A riqueza amontoa-se em proveito da alta finança – com detrimento das pequenas indústrias.

Logo que na ordem econômica não há um balanço exacto de forças, de produção, de salários, de trabalhos, de benefícios, de impostos, haverá uma aristocracia financeira que cresce, engorda, incha, e ao mesmo tempo uma democracia de proletariados que emagrece, definha e dissipa-se nas misérias: e como o desequilíbrio não cessa não cessam essas terríveis desuniformidades.⁴⁰

O remédio para combater tal desigualdade e findar o sofrimento dos trabalhadores é o retorno à simplicidade do campo, o abandono das máquinas terríveis que alimentam o “feudalismo industrial”.⁴¹ Novamente estamos diante da filosofia da natureza. Filosofia que opõe industrialismo, tornado sinônimo de materialismo, ao ideário romântico e bucólico.

Há, entretanto, uma base comum entre esse “naturalismo” queirosiano e o ideário da geração Coimbrã. Aparentemente, Eça pensava, como toda a sua geração, que fora da própria natureza, sensível e experimentável, não há qualquer explicação do universo. Eis um postulado fundamental do pensamento Realista: a abolição do sobrenatural. Uma evidência disso é que em toda a sua produção artística ou ensaística, Eça faz diversas referências a Cristo, todavia, esse Cristo aparece despido de sua

⁴⁰ *Prosas Bárbaras* p. 613

⁴¹ *Correspondência de Fradique Mendes*. p. 400

natureza divina. É o homem, o Cristo histórico que cativa o escritor, através de suas qualidades humanas, morais. Atitude esta que reforça ainda mais sua posição naturalista. Sabe-se que o cristianismo eclesiástico era completamente repugnado pela geração de 70.

Esse naturalismo aparecerá também na sua definição de arte. Em carta a Carlos Mayer, Eça fala sobre escritores “que criam almas”, os verdadeiros artistas. Criar almas é apresentar “não o homem dominado pela sociedade, entorpecido pelos costumes, deformado pelas instituições, transformado pelas cidades, mas o homem livre, colocado na livre natureza, entre as livres paixões”.⁴² É impossível não detectarmos nessa complexa filosofia da natureza o espectro de Rousseau: a idéia do homem independente da pressão social e colocado em meio a natureza.

Assim, de uma maneira geral, a educação Coimbra de Eça parece ter sido eminentemente artística, não sendo atingido pela crise mental que afligiu sua geração. Talvez o único princípio – fundamental, aliás – que assimilou nesta fase dos mestres da sua geração tenha sido o da imanência, ou, a idéia de que o universo explica-se em si mesmo, decorrendo daí sua filosofia da natureza, seu anti-clericalismo, seu idealismo.

2. 2. A evolução das idéias e do artista

Por volta de 1870, formado em Direito, mas trabalhando como jornalista e morando em Lisboa, Eça passa por uma transformação substancial, talvez radical, em seu sistema de pensamento. Principalmente após o seu retorno do Egito, onde fora cobrir a inauguração do canal de Suez. Suas concepções se renovam de tal forma que desdizem boa parte das idéias que acabamos de lhe atribuir.

É exatamente no livro *O Egito* (1926) que podemos perceber essa transição. O relato de viagem é recheado de observações quanto às condições sociais e econômicas, a religião, as condições geográficas, agrícolas, o temperamento dos egípcios.

Mas não é apenas Eça de Queirós que se afasta de Portugal; Antero, Oliveira Martins, Batalha Reis, todos esses intelectuais perambulam pela Europa ou América.

⁴² Correspondência (carta a Carlos Mayer). P. 1690

A boemia parece ter perdido o fôlego. Esses personagens tinham agora objetivos mais sérios, como a organização da primeira Internacional em Lisboa (Antero, Oliveira Martins, Fontana). Além do mais, não havia nesta cidade uma tradição de boemia literária a que Eça pudesse se encostar. Nessa época, Ramalho Ortigão e Eça farão *As Farpas*. Este último parece agora mais centrado nas questões que antes ignorava. Ele próprio se descreve como um bom estudante, lendo Proudhon à noite, quieto à banca.⁴³

A partir de então, um sistema de idéias surge, diferentemente da névoa e da fantasia dos tempos de Coimbra. Esse sistema de idéias, que o acompanhará por muito tempo (e de certo modo até o fim da vida), é o proudhonismo, comum a todo o grupo que participará das Conferências do Cassino.

Proudhon parece ser mesmo a chave para a transformação intelectual de Eça. Constitui verdadeiramente uma autoridade para o escritor, que o invocará sob forma de citação em várias oportunidades. É o supremo paladino da razão contra a fé, o heróico Proudhon. Esse encantamento se deu porque talvez pela primeira vez Eça tenha encontrado uma explicação lógica, articulada, didática desse nebuloso problema social. A clareza da linguagem didática foi, possivelmente, o que o atraiu. A crítica proudhoniana da vida econômica e social está articulada num sistema de conjunto com uma certa posição perante o problema religioso.⁴⁴ É um sistema completo, fechado, que abrange o todo social. Quanto à religião, o pensamento de Proudhon é semelhante ao da geração de Eça: o homem cria os deuses à imagem e semelhança do que conhece de si mesmo, e adora-se a si mesmo nessa imagem. A felicidade divina é fruto da imaginação do homem, seria erro abrir mão dos bens deste mundo esperando os do céu. Dessa forma, a única resposta para todas as questões está no homem. Estamos falando novamente na teoria da imanência, doravante, com suas conseqüências de ordem econômica e social.

Nesta fase, o ponto de vista do escritor é sociológico: o homem e seus problemas deixam o universo em segundo plano. E pela primeira vez esses problemas são passíveis de solução, não pela violência, ou pelas greves ou mesmo pela luta de classes; Eça, Ramalho, Mayer, acreditavam, sossegados, que a revolução viria

⁴³ Notas Contemporâneas p. 1552

⁴⁴ PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade?* São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 15-40

pacificamente e desapercibida. Segundo Proudhon, o primeiro passo para tal revolução seria o da consciência do homem como participe de uma sociedade, de onde se desenvolveria a noção de justiça, que por sua vez pressupõe respeito recíproco e conduz fatalmente a igualdade. Consciência, justiça e igualdade: as três noções fundamentais do proudhonismo. Em nome do princípio de igualdade, Proudhon defende que a propriedade privada e as indústrias deveriam se converter para o usufruto dos trabalhadores, mas de forma alguma deveria desaparecer.⁴⁵

A noção de justiça e igualdade parece não ser muito clara para Eça. São, provavelmente, palavras carregadas de poder emotivo, mas não uma noção definida. Contudo, podemos afirmar que, em seu ponto de vista, a evolução social está definitivamente ligada à igualdade: “Se a civilização não significa igualdade – então não significa nada.”

Dentro desse sistema de idéias, Eça também não admite, ou acha inútil, toda a ação violenta; a revolução deveria ser preparada na região das idéias e da ciência, progressivamente. Por isso entende que o proletário não deve atuar na política institucional.⁴⁶ É provável que esse ponto de vista leve em consideração os resultados das várias insurreições ocorridas na Europa a partir de 1789. Outra possível explicação seria encontrada num certo sentimento de classe; aristocrático, Eça parece demonstrar antipatia ao juízo das majorias, não admitindo discussão com leigos, conferindo relevância apenas à opinião dos letrados. Aí está, talvez, o ponto que elucida a ausência quase total, em suas obras, de personagens de camadas sociais mais baixas.

Falando ainda de seus escritos, perceberemos nestes, se olharmos atentamente, uma fragilidade (ou seria uma adaptação?) em seu proudhonismo. Mesmo que o aspecto econômico do problema social esteja presente no seu sistema de idéias, suas referências são raras ou imprecisas. Mesmo afirmando, como já vimos, que a industrialização é a causa da miséria, e mesmo aprofundando seus conhecimentos acerca desse aspecto, seus romances chamam sempre a atenção para os fatos morais. É possível que, no pensamento de Eça, o remédio para os males se desse através de uma ação pedagógica e a causa das instabilidades da vida social e política, da decadência das classes médias,

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ QUEIRÓS, Eça. *Uma Campanha Alegre*. In: SARAIVA, Op. Cit. P. 105.



estivesse no domínio da cultura e da moral. Enquanto Proudhon defende uma reforma social pela reorganização econômica;⁴⁷ Eça a esperaria a partir de uma transformação pedagógica e cultural. É uma contradição, mas bastante compreensível; nada mais apropriado para quem jamais conheceu na prática outra realidade fora do ambiente aristocrático⁴⁸ (outro fato que explica a predominância de personagens dessa classe, em sua ficção) do que voltar a atenção para a questão cultural e moral (Proudhon, ao contrário, era de origem humilde).

É exatamente em sua arte que esse ponto de vista mais sociológico revela-se fecundo. Sua concepção sobre o artista acaba sofrendo uma mutação drástica: se antes este era tido como um ser capaz de “criar almas”, doravante o artista não passa de um cidadão comum, situado num certo grupo e sujeito à regras e circunstâncias comuns. É apenas um homem, e como tal “é um resultado, uma conclusão e um produto das circunstâncias que o envolvem – circunstâncias de clima, de alimentação, de ocupação, de religião, de políticas, de arte, de cultura.”⁴⁹ Percebemos, por trás dessas palavras, a teoria de Taine, segundo a qual a arte é um produto do meio e do momento histórico.⁵⁰

Dessa forma, a estrutura de pensamento de Eça a partir de 1870 se embasa principalmente no proudhonismo e na teoria de Taine. Talvez possamos sintetizar essa estrutura na seguinte equação: o artista deve dar expressão à sua época e seu meio, possibilitando o conhecimento destes aos leitores, afim de que adquiram consciência e se elevem para além da referida situação. Esta é a fundamentação ideológica do Realismo queirosiano.

De volta a 1871, no cassino Lisbonense, Eça, munido desse pensamento, falará do Realismo com entusiasmo: “É a negação da arte pela arte (...)”; “É a análise com o fito na verdade absoluta.”; “É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.”

Elucidadas essas frases, recuperadas e esclarecidas as idéias que trouxeram à tona essa teoria da arte, vinculada a uma teoria sociológica, cabe agora saber como

⁴⁷ PROUDHON, Op. Cit.

⁴⁸ JÚNIOR, Benjamim Abdala. *Literatura comentada: Eça de Queirós*, São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 15-19

⁴⁹ Cartas inéditas de Fradique Mendes p. 568

⁵⁰ Ver MOISÉS (*A Literatura Portuguesa*) Op. Cit. P. 166.

essas idéias que acabamos de discutir se materializaram na obra realista *O primo Basílio*.

3. Anatomia d'*O Primo Basílio*

Presume-se que nem sempre seja fácil estudar as idéias numa obra de arte. O modo como a arte e as idéias se articulam podem, certamente, assumir inúmeras formas. Alguns autores podem partir de idéias claramente definidas, fazendo da obra de arte sua expressão; outros escritores talvez obedeçam a um impulso mais ou menos inconsciente, deixando em suas obras margens para especulações e interpretações variadas, no sentido de lhes atribuir um sistema de idéias implícito. Como já explicamos, a ficção de Eça de Queirós é, sem dúvida, “armada” sobre um sistema de idéias. Dessa forma, estando a par dessas idéias (de Eça e de sua geração), tentaremos agora identificá-las no romance *O Primo Basílio*, através de seus símbolos, do discurso dos personagens, no enredo e na estrutura da obra.⁵¹

3. 1. O enredo

Em *O primo Basílio*, publicado em 1878, Eça de Queirós analisa os mecanismos do casamento e o comportamento da pequena burguesia lisboeta. O romance é admirável como investigação de tipos que caracterizam boa parte da sociedade portuguesa, encarnados em seus personagens.

Luísa, a protagonista, sempre devaneante, fixa um comportamento romântico que a predispõe ao adultério. Além disso, fora educada segundo padrões burgueses e tivera um namorado de acordo com esses padrões – seu primo Basílio. O afastamento entre eles ocorre com a falência do tio: o primo vai refazer as finanças no Brasil e de lá escreve, rompendo o namoro.

Luísa casa-se mais tarde com Jorge – engenheiro de minas, homem de bons hábitos – e, apesar de não amá-lo, era feliz.

Um dia, após uma noite de serão, Jorge parte para o Alentejo, à negócios. Dias depois, Luísa recebe a visita de seu primo. O reaparecimento do antigo namorado

⁵¹ A escolha dos elementos analisados neste capítulo tem como referência a classificação dos elementos fundamentais da narrativa segundo Cândida Gancho. In: GANCHO, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. São Paulo: Ática, 1991. p. 5.

interrompe a existência tranqüila de Luísa: ela evoca o passado e admira a nova vida do primo rico; em contraposição, via-se com um marido pequeno-burguês e caseiro.

Basílio fizera fortuna com a especulação da borracha no Brasil e estabeleceu domicílio em Paris. Ao chegar a Lisboa lembra-se da antiga namorada e envolve-a sentimentalmente. Luísa sentia-se como uma das personagens dos romances que lia.

Os amantes encontravam-se no *paraíso*, ironia do narrador: Luísa imaginava idilicamente o quarto da casa do encontro amoroso, mas se encontra apenas num aposento sórdido. Este sentimento de sordidez vai se acentuando e Luísa, sonhadora, novamente perde a tranqüilidade, sobretudo quando sua criada Juliana se apodera de cartas comprometedoras, trocadas entre os amantes. A criada faz chantagem com a patroa e Luísa propõe a Basílio que fuja. Este não aceita e parte sozinho para Paris. À mercê da empregada, a situação na casa se inverte: Luísa torna-se a criada e Juliana a patroa. Jorge retorna e estranha o relacionamento entre as duas. A esposa, desesperada, procura o amigo Sebastião e pede-lhe ajuda. Sensibilizado, Sebastião recupera drasticamente a correspondência: pressionada e ferozmente ameaçada, Juliana morre do coração.

Os acontecimentos afetam Luísa com uma inesperada febre nervosa. Chega-lhe então uma carta de Paris, Jorge abre-a e toma conhecimento de toda a verdade e quando mostra a carta a Luísa, que já convalescia, esta, num gesto romântico, estatela-se no chão. Voltam as febres, delírios e sobrevém, enfim, a morte.

Através do enredo, percebe-se que a trama gira em torno do adultério, tema bastante recorrente na literatura do século XIX. Além do romance em questão, são exemplos: *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, *Ana Karênina* (1877), de Tolstói, *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, entre outros. Há uma preocupação explícita com a manutenção dos valores morais, principalmente no que se refere às paixões e uniões inapropriadas. No século XIX os relacionamentos amorosos da burguesia contavam com eficientes instituições que garantiam uniões apropriadas, segundo nos explica Peter Gay:

desde o jantar meticulosamente orquestrado até o frio tratado entre clãs mercantis (...) os caminhos aceitáveis para o amor estavam claramente demarcados e eram fortemente vigiados; as penalidades acarretadas pelas

alianças erradas que se ameaçavam ou se consumavam – o ostracismo social, a transferência para postos distantes, a suspensão de heranças – eram extremamente duras. Mas essa própria severidade indica urgência das tentações.⁵²

Para Eça de Queirós, o cerne dessa “patologia social” é a educação da mulher. A propósito disso Ramalho Ortigão escreveria um artigo no qual acusa a educação da mulher lisboeta por não se voltar para as ocupações domésticas. Ele fala de uma economia doméstica que deveria ficar a cargo das mulheres, e através da qual estas assumiriam sua função na sociedade. E para Ramalho, “A função da mulher bem educada é essencialmente protetora.”⁵³ A mulher deveria administrar o lar da maneira mais racional e eficiente, considerando questões referentes à renda da casa, aquisição e reparo da mobília, vestuário, serviço, iluminação, lavagem e fundo de reserva. Além de questões concernentes a alimentação, desde o preço ordinário dos alimentos, até a melhor maneira de preparar e servir as refeições. Munida de tais aptidões, a mulher assegurará a estabilidade do “casamento, seu natural destino...”

Então, no ideário de Ramalho Ortigão, compartilhado por Eça e demais componentes da Geração de 70, a instrução feminina deve dirigir-se exclusivamente à vida privada. Isto nos faz pensar sobre as idéias de democracia e liberalismo correntes no século XIX. Apesar de ambas as idéias defenderem a universalidade, observamos na prática algumas restrições e, no caso específico, à educação das mulheres. Sabe-se que desde a Revolução Francesa o ensino ou a instrução (fundamento da sociedade liberal) constitui uma via para a mobilidade social, sendo no século XIX tão importante quanto o dinheiro.⁵⁴ O título de bacharel, principalmente, assegurava (e assegura ainda hoje, talvez em menor medida) grande prestígio social ao cidadão.

Mas, no entender de Ramalho, a educação das mulheres, o conhecimento, tão necessário para que desempenhem seu papel na harmonia social, “não se ministra nas escolas; adquire-se pelo esforço e pela aplicação individual dirigida por um critério, por

⁵² GAY, Peter. *A experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud: A paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 9

⁵³ ORTIGÃO, Ramalho; QUEIRÓS, Eça de. *As farpas*. V. II. Dois Mundos Editora LTDA. Rio de Janeiro, 1943. (a educação das mulheres).

⁵⁴ RÉMOND, op. Cit. p. 46-48

um método, por uma disciplina, que a mulher só pode adquirir na grande escola prática da vida doméstica.”⁵⁵

3. 2. A estrutura da obra

Em primeiro lugar, podemos afirmar que *O primo Basílio* é vazado num *gênero* que teve seu apogeu no século XIX, o romance. No realismo, o romance torna-se arma de combate, instrumento de difusão das idéias científicas e filosóficas. ⁵⁶ Sob esse prisma, o romance acaba sendo um questionamento da vida mais intelectual que emotivo, servindo aos propósitos reformistas de Geração de 70.

A *narração* faz-se na terceira pessoa, alternado-se o foco narrativo entre duas modalidades: a onisciência do narrador e a focalização interna dos personagens. O narrador onisciente revela-se, via de regra, nas retrospectivas familiares que introduzem os personagens, como neste caso:

Leopoldina era filha única do Visconde de Quebrais, o devasso, o caquético, que fora pajem de D. Miguel. Tinha feito um casamento infeliz com um João Noronha, empregado da alfândega. Chamavam-lhe a “Quebrais”; chamavam-lhe também a “Pão-e-queijo”. (p. 23)

Como se vê, nesse curto fragmento não faltam juízos de valor do narrador, sempre numa perspectiva crítica implacável.

A focalização interna, ao contrário, é a narrativa feita do ponto de vista de uma personagem da história, sem interferência do narrador, como nesse trecho em que Basílio reencontra Luísa:

Revia a pequenez do pé, pôs-se a fazer por ele o desenho mental de outras belezas, despindo-a, querendo advinha-la... A amante que deixara em Paris era muito alta e magra, de uma elegância tísica, quando se decotava viam-se as saliências das suas primeiras costelas. E as formas redondinhas de Luísa decidiram-no (...)” (p. 68). Outro exemplo se dá nos pensamentos de Luísa, após ceder aos desejos do primo: “E repetia consigo as atenuações tradicionais: não era a primeira que enganara seu marido; e muitas era apenas pelo vício; ela fora por paixão (...) E ele amava-a tanto! (...) Seria tão fiel e discreto! (p. 181)

⁵⁵ ORTIGÃO, op. Cit., p. 42

⁵⁶ MOISÉS, op. Cit., *A literatura portuguesa*. P. 189

Essa estratégia de narração, alternando-se a onisciência do narrador e os pensamentos dos personagens estabelece a oposição ideológica entre esses. O objetivo de Eça é confrontar as concepções de sua geração (o narrador que “observa objetivamente” a realidade moral social, política da sociedade)⁵⁷ com o ideário romântico (encarnado em personagens como Luísa), hospedeiro de um sentimentalismo doentio, de um idealismo aéreo.

Isso dá margem para tratarmos dos *personagens*, onde esse confronto se revela sob várias faces, à começar por Luísa. Essa personagem central representa as idéias de Eça sobre a educação da mulher, com intenção moralizante. Tomemos para análise o seguinte trecho:

Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejava estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! (...) Sacudiu a chinelinha; esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: - em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera... (p. 17)

Aqui o autor acusa a preguiça, vaidade e a ociosidade como causa da degradação de Luísa, decorrente de uma educação voltada exclusivamente para o casamento, visto como única opção de vida para a mulher, exemplificado nos pensamentos de Luísa quando Jorge a pede em casamento: “Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso para a mamã!” (p. 22). Mas o foco principal de Eça era o romantismo da educação, os tipos de leitura e a forma como as mulheres liam⁵⁸, sem conseguir distinguir fantasia e realidade. Esta é uma observação perspicaz de Eça, tendo

⁵⁷ Convém esclarecer que o narrador não pode ser confundido com o autor, sendo, aliás, uma construção lingüística deste último. No entanto, na obra em questão, percebemos que a função do narrador é exatamente encarnar as idéias da Geração de 70.

⁵⁸ Encontro Internacional de Queirosianos, 3., São Paulo, 1995. *150 anos com Eça de Queirós*. – São Paulo: Centro de Estudos Portugueses: Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa /FFLCH/USP, 1997. Ver *Leituras de Luísa*. p. 521-526.

em vista que não eram raras essas confusões por parte das mulheres, sobretudo em contato com certas “leituras perigosas”.⁵⁹

Basílio, o grande vilão da obra, tem um papel fundamental, representando o contraste entre Portugal e os países ditos mais avançados. Vejamos essa passagem da obra em que Basílio acompanha Luísa e D. Felicidade ao passeio público:

“Basílio, ao pé de Luísa, ia calado. Que horror de cidade! – pensava. – Que tristeza! E lembrava-lhe Paris, de verão; subia, à noite, no seu fácton⁶⁰, os Campos Elísios devagar; (...) os restaurantes flamejam; há uma intensidade de vida amorosa e feliz; e, para além, sai das janelas dos palacetes, através dos estores de seda, a luz sóbria e velada das existências ricas. Ah! Se lá estivesse! (...)” (p. 97)

Parece óbvio que Basílio representa o cosmopolitismo, ou seja, a ânsia pela “civilização e modernidade” dos grandes centros europeus, sobretudo Paris. Nessa perspectiva a sociedade portuguesa é provinciana, ou, atrasada culturalmente. No entanto, ao reler cuidadosamente o trecho acima, verificamos que os objetos de comparação utilizados por Basílio pertencem ao nível da futilidade, envolvendo a moda e o passeio. E não nos esqueçamos que ele é um janota⁶¹. Assim, a crítica de Eça se volta para o pretenso progresso material que de nada serve a cultura e ao desenvolvimento social, o que nos remete a um texto de Oliveira Martins em que se refere a esse progresso como sendo “uma apoteose quase cega da vida, o delírio do prazer”⁶². Enfim Eça não só ataca a pobreza cultural de sua pátria, mas também o *francesismo*, que mascara esse atraso imitando o que há de mais superficial na cultura francesa.

Jorge, por sua vez, é um personagem de pensamento simples, prático, sujeito de boa índole; aparece poucas vezes na história. Personificaria a justiça, a retidão de caráter. Não obstante, há uma passagem em que Eça revela, de maneira muito rápida, que Jorge também teve aventuras extraconjugais enquanto esteve no Alentejo. E vejam o que diz essa personagem no seguinte trecho, quando questionado sobre o desfecho de

⁵⁹ CHARTIER, Roger; CAVALO, Guglielmo. *História da Literatura no Mundo Ocidental*. Vol. 2. São Paulo: Ática, 1997. p. 167-176.

⁶⁰ Carruagem descoberta de quatro rodas e de construção leve.

⁶¹ Homem que se veste com apuro exagerado e julga as pessoas por suas vestimentas.

⁶² MACHADO, op. Cit., p. 25

uma peça teatral onde o tema é a mulher adúltera: “Se enganou o marido, sou pela morte. No abismo, na sala, na rua, mas que a mate. (...) É um princípio de família. Mata-a quanto antes!” (p. 46). Dessa forma, através da personagem Jorge, o autor aponta a existência de uma moral desigual entre homens e mulheres e a hipocrisia daí decorrente.

Finalizando a lista de personagens centrais temos Juliana, a criada, mulher do povo, símbolo da luta de classes. Essa idéia fica bastante clara no diálogo em que esta justifica a Luísa o preço pelas cartas roubadas:

Tenho passado anos e anos a ralar-me de trabalhar, de madrugada até à noite, enquanto a senhora está de pânria! (...) E a senhora, são passeios, tipóias, boas sedas, tudo o que lhe apetece – e a negra? A negra a esfalfar-se! (p. 268).

A palavra “negra” é utilizada por Juliana para enfatizar sua condição injusta. No mesmo diálogo, a criada dirá a patroa que não lhe quer mal, que deseja apenas recursos que a livrem de um hospital público quando estiver doente, isso nos lembra a aversão de Proudhon e de Eça pelo confronto violento entre classes sociais. A descrição física das duas personagens também ilustra o contraste entre as classes sociais. A beleza de Luísa é constantemente louvada, enfatizando a brancura e maciez da pele e suas formas redondinhas. Juliana, ao contrário, é feia, ossuda, magra, de pele esverdeada pela biliar. Quanto ao temperamento, Luísa é amorosa e alegre, enquanto Juliana é rancorosa, amarga e invejosa (e em consequência nunca teve namorado e não tem amigas). Nessa caracterização de Juliana torna-se muito evidente a idéia do condicionamento da personagem tanto pelo aspecto físico quanto pelas condições sociais. As características negativas do temperamento de Juliana são determinadas pelas condições miseráveis em que sempre viveu.

Os personagens secundários do romance são menos complexos, são personagens planos (tipo e caricatura)⁶³, mas revelam muito sobre as idéias de Eça. O Conselheiro

⁶³ MOISÉS, op. Cit., *Dicionário de termos literários* (p. 348-349). Reforçando as teorias de E. M. Foster, Massaud Moisés dirá que as personagens podem ser *planas e redondas*. “As primeiras, na sua forma mais pura, são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade: quando lhes descortinamos mais de um fator, iniciamos um percurso de uma curva rumo da personagem redonda. Apresentam duas dimensões (altura, largura), ou seja, carecem de profundidade: podendo ser definidas em poucas palavras, a sua personalidade

Acácio, alto funcionário público, com suas frases feitas, pomposas, assim como seus gestos, é vítima constante da ironia do narrador como quando cita seus trabalhos publicados: “*Elementos Genéricos da Ciência da Riqueza e Sua Distribuição, segundo os Melhores Autores*”; “*Relação de todos os ministros de Estado desde o Grande Marquês de Pombal até nossos dias, com datas cuidadosamente averiguadas de seus nascimentos e óbitos*”. A extensão dos títulos é correlata à mediocridade do assunto. Aqui Eça aponta para o atraso cultural das classes dirigentes do país.

Ernesto Ledesma, o dramaturgo, representa a literatura romântica e seu sentimentalismo piegas, cheia de lugares-comuns. Em seu drama *Honra e Paixão*, que também gira em torno do adultério, a personagem é perdoada, diferentemente do que ocorre a Luísa.

D. Felicidade é fidalga, representa a alta sociedade. Aos cinquenta anos, gorda e feia, queixa-se de dispepsia e de gases. Não consegue disfarçar a paixão sensual, não correspondida, pelo Conselheiro. Apesar de se dizer muito católica, recorre (em vão) à bruxaria para conseguir o amor de Acácio. O nome da personagem revela a ironia de Eça, que critica uma classe social que tenta manter as aparências, o *status*, enquanto declina de todas as maneiras.

Leopoldina, por sua vez, tem um comportamento bastante ousado para a época: tem amantes, não quer ter filhos, fuma, odeia padres. Aparentemente essa personagem parece atacar a moral burguesa, mas na verdade é uma mulher decaída, que sofre do mesmo romantismo de Luísa, sonhando aventuras com piratas. Arrepende-se apenas de ter maculado a reputação com seus vários escândalos, lamentando não ser convidada para festas. Novamente o autor critica a hipocrisia e a preocupação em se manter as aparências.

O médico Julião é o intelectual positivista. Pobre, estuda muito para conseguir um emprego público; crítico mordaz da literatura romântica e do constitucionalismo,

não revela surpresa, e a ação que praticam apenas confirma a impressão de ‘personagens estáticas’, infensas a evolução.

Dividem-se em: tipos, quando a peculiaridade alcança o auge sem causar deformação, como o Conselheiro Acácio (O primo Basílio) ou José Dias (Dom Casmurro), e caricaturas, quando a qualidade ou idéia única é dilatada ao extremo, provocando uma distorção propositada, a serviço da sátira ou do cômico: é o caso de Ernestinho, do mesmo romance queirosiano, retrato hilariante do poeta romântico descabelado e piegas.”



sempre franco, ora direto; ora irônico. Parece uma personagem totalmente virtuosa segundo os valores queirosianos, no entanto, há uma passagem da narrativa que desvela sua frieza para com o sofrimento alheio; ocorre quando Sebastião carregava, tenso, a recém falecida Juliana: “Tens medo? (...) Escarneceu-o: que diabo, era matéria inerte, era como quem carregava uma boneca!” (p. 395). Curiosamente, parece tratar-se de uma crítica ao espírito científico da época, o que seria uma contradição considerando que se trata de uma ficção naturalista.

Sebastião é a única personagem que representa o bem, por isso contrasta com todos os outros. Num ambiente onde predominam personagens negativos, a bondade de Sebastião se revela, a começar pela sua aparência, que transparece “uma vida saudável e hábitos castos”, a “expressão honesta, simples, aberta” de seu rosto, seu modo de falar: “(...) baixo, devagar, como se tivesse medo de se manifestar ou de fatigar (...)” (p. 48). É o único que demonstra um maior respeito às mulheres e que tem consciência das desigualdades sociais:

Sebastião, interpelado, corou, declarando que entendia nada de política; havia todavia fatos que o afligiam: parecia-lhe que os operários eram mal pagos; a miséria crescia; os cigarreiros, por exemplo, tinham apenas nove a onze vinténs por dia, e, com família, era triste...
 – É uma infâmia! – disse Julião encolhendo os ombros.
 – E há poucas escolas... – observou timidamente Sebastião. (p. 332)

Sebastião também representa o proprietário rural e, conseqüentemente, a dicotomia campo bom/cidade degradante.

Apesar da importância dessa análise das personagens, é necessário frisar que o autor está muito mais preocupado com o ambiente social que os rodeia do que com estes propriamente. As ações dos personagens são construídas fora delas, a partir das concepções defendidas pela Geração de 70: o socialismo de Oliveira Martins, o anti-clericalismo de Teófilo Braga e o proudhonismo de Antero, e principalmente as teorias de Taine, nas quais o homem é um animal cujo comportamento é determinado pelo meio em que vive e pela hereditariedade. Daí a pobreza psíquica dos personagens.

Já que o elemento *espaço* determina a conduta dos personagens, é imprescindível que o trabalhemos agora. Não por acaso os ambientes são frequentemente descritos.

Dividiremos o espaço em dois: o *real*, ou concreto, em que se desenrola a ação, e o *psicológico*, ligado à memória ou ao sonho das personagens.

As descrições do espaço real em *O primo Basílio* abrangem desde grandes planos abertos, até pequenos detalhes, como quadros ou enfeites de cômodos fechados. Vejamos um exemplo de espaço amplo, a descrição do Passeio Público:

Luísa olhava, calada. A multidão crescera. Nas ruas laterais mais espaçosas, frescas, passeavam apenas, sob a penumbra das árvores, os acanhados, as pessoas de luto, os que tinham o fato coçado. Toda a burguesia domingueira viera amontoar-se na rua do meio, no corredor formado pelas filas serradas das cadeiras do asilo; e ali se movia entalada, com a lentidão espessa de uma massa mal derretida, arrastando os pés, raspando o macadame, num amarfanhamento plebeu, garganta seca, os braços moles, a palavra rara. Iam, vinham, incessantemente, para cima e para baixo, com um bamboejamento relaxado e um rumor grosso, sem alegria e sem bonomia, no arrebatamento passivo que agrada às raças mandrionas; no meio da abundância de luzes e das festividades da música, um tédio morno circulava, penetrava como uma névoa; a poeirada fina envolvia as figuras, dava-lhes um tom neutro; e nos rostos que passavam sob os candeeiros, nas zonas mais diretas de luz, viam-se desconsoações de fadiga e aborrecimento de dia santo. (p. 95)

Note-se que se trata de um jardim, onde se toca música, as pessoas vão passear e, portanto, deveriam estar contentes. Mas não é o que ocorre. O autor utiliza várias palavras negativas para apontar a passividade, a preguiça e o tédio como atributos da vida social da burguesia lisboeta. E lembremos de que são esses os fatores que levam Luísa a cometer adultério.

Mais numerosas são as descrições de ambientes fechados; constituem, sobretudo, as casas dos personagens e servem para mostrar até que ponto o ambiente em que uma pessoa vive se reflete em seu comportamento. Tomemos por exemplo a descrição do quintal de Sebastião:

(...) era uma horta ajardinada, muito cheia, com canteirinhos de flores, saladas muito regadas, pés de roseiras junto aos muros, um poço e um tanque debaixo de uma parreirita, e árvores; terminava por outro terraço assombreado de uma tília, com um parapeito para uma rua baixa e solitária; defronte corria um muro de quintal muito caiado. Era um sítio recolhido, de uma paz aldeã. (p. 124).

Os cuidados que Sebastião dispensa as plantas combinam com seu caráter “puro” e simples. O adjetivo *aldeã* aplicado ao substantivo *paz* justifica esse contraste entre Sebastião, homem bom, do campo, inadaptado à cidade corrompida.

Um exemplo da influência do espaço na ação vê-se no quarto de Juliana. Localizado no sótão da casa de Luísa, é uma das causas da revolta da criada. Segundo o narrador: “O quarto era baixo, muito estreito, com o teto de madeira inclinado; o sol, aquecendo todo o dia as telhas por cima, fazia-o abafado como um forno; havia sempre à noite um cheiro requentado de tijolo escandescido.” (p. 71). E mais adiante: “(...) ninguém imaginava o que era o quarto da pobre mulher! O cheiro empestava; os ratos passeavam-lhe pelo corpo, o forro estava roto, chovia dentro; (...)” (p. 304). A mudança de quarto será a primeira exigência que Juliana fará a Luísa, em sua chantagem. Descer para o andar inferior significa para Juliana conforto e ascensão social.

Ainda na descrição dos espaços, temos os objetos como portadores de significados que se relacionam ao comportamento das personagens. Talvez o objeto mais carregado de significação seja o sofá. Quando solteira, era nele que Luísa namorava Basílio: “E eles, muito chegados, muito felizes, no sofá. O sofá! Quantas recordações! (...)” (p. 20). E quando Basílio retorna, tentando seduzi-la, o sofá mais uma vez é cúmplice do romance, o que se constata quando Luísa, arrependida do adultério, decide retirar o sofá da sala. A intenção é esquecer de vez o amante, apagando as lembranças dele.

O piano também é um elemento que se relaciona com as ações de Luísa. Em muitas ocasiões Luísa toca piano distraidamente, pensando em Basílio. Mas é, sobretudo, nas melodias e nas letras das canções que se acompanha o desenvolvimento dos sentimentos de Luísa, que terminam por levá-la a degradação.

Um último exemplo de descrição do ambiente que ao mesmo tempo caracteriza uma personagem é o da casa do Conselheiro Acácio. Durante um jantar que este oferece aos amigos, percebemos que a parte da casa mostrada aos convidados revela seriedade nos livros e nos quadros históricos nas paredes. Já no quarto, onde Julião teve de ir para lavar as mãos, encontramos quadros religiosos, dois travesseiros sobre a cama (sinal de que Acácio dormia com a empregada), e, escondido na gaveta, um volume de poesias obscenas de Bocage (p. 326-327).

No espaço psicológico, também se destaca a personagem Luísa, com seus sonhos e lembranças nostálgicas. Dessas lembranças, vemos que sua casa de solteira, na cidade de Sintra, tem grande importância, visto que foi o palco do seu primeiro relacionamento com Basílio. Este, inclusive, utiliza sistematicamente essas lembranças para reconquistar Luísa, mencionando lugares específicos da casa como a adega: “Ela corou. Lembrava-se bem da adega, com a sua frialdade subterrânea que dava arrepios! (...) Havia ali às vezes, pelos cantos, beijos furtados...” (p. 64) Novamente há uma crítica a educação romântica como causadora, entre outras coisas, de namoros insólitos.

Quanto ao espaço nos sonhos, uma das cenas mais significativas ocorre quando Luísa não tem esperanças de arranjar o dinheiro para pagar Juliana e lembra-se de Deus. Entra numa igreja, mas verifica que não sabe rezar. Recorda então uma fantasia que teve quando rompera-se o primeiro namoro com Basílio: entrar para um convento. Ao imaginar-se como freira, idealiza um convento na sua amada Escócia, isolada numa paisagem escura onde passam veados, cercado de sons tristes de regatos ou cantigas de pastor, entre “monjas de alta estatura e olhar céltico, filhas de duques normandos ou de lordes (...)” (p. 322). Em seguida, imagina-se num convento português da província. Descreve então um ambiente muito simples do campo, ensolarado, rodeado de animais caseiros, em que as freiras engordam tomando licor de rosa e copiando receitas de doces. A primeira constatação a ser feita é que novamente se discute o tema do cosmopolitismo, comparando Portugal a países centrais da Europa. Em segundo lugar, nota-se uma crítica explícita a “descristianização” da sociedade burguesa.

Abordando agora o elemento *tempo*, creio que possamos dividi-lo em três partes: referente a época em que se passa a ação; quanto a duração da ação; e a ordem cronológica da narrativa. Com relação ao primeiro item, sabemos que a época representada no romance é contemporânea a de seu autor. Este mesmo pretendia retratar a sociedade portuguesa tal como era. Esta é, só para lembrar, uma premissa do Realismo/Naturalismo. Ao contrário dos românticos, que escolhiam o passado mais ou menos remoto para ambientar seus romances, Eça optou por fazer uma crônica dos costumes de seu tempo, concordando com os ideais reformistas de sua geração.

Quanto ao tempo referente à duração das ações, calculamos, sem muita precisão, uns seis meses no máximo, mas este dado parece não ter importância para nós.

No que concerne a ordem cronológica da narrativa, observa-se que segue em ordem linear, ou seja, tem início, meio e fim. No entanto, em diversos momentos a narração regride no tempo para narrar os episódios passados da vida das personagens. Esse recurso – o *flashback* – é utilizado para auxiliar a compreensão do comportamento das personagens no presente. Novamente localizamos a teoria determinista de Taine.

Assim como o *flashback*, outros recursos marcantes do estilo queirosiano são a sátira e a ironia. Creio que Eça lança mão desses recursos não apenas para expor a sociedade que ele julga ser retrograda “ao escárnio, à gargalhada”, mas também com o intuito de popularizar suas obras (e conseqüentemente as idéias de sua geração) mesmo entre as classes pobres, já que o escritor alia esses recursos a uma linguagem muito próxima da oralidade.

3. 3. Publicação e recepção da obra: a estética e as idéias

O primo Basílio é, desde sua primeira edição, em fevereiro de 1878, um êxito de crítica e público. Numa época em que os mecanismos de produção cultural apenas engatinhavam e o número de leitores era bem inferior ao dos nossos dias, é espantoso que o romance tenha, em poucos meses, esgotado (somente em Portugal) os seus 3.000 exemplares.⁶⁴ O sucesso foi tamanho que se fez necessária uma nova edição no mesmo ano – desta vez revista e corrigida pelo autor, este perdurando até hoje.

O romance provocou escândalo aberto. E a polêmica oposição entre Realismo e Romantismo se instalava definitivamente. Várias críticas foram tecidas em torno da obra, as quais enfatizavam, principalmente, a crueza do estilo nas descrições dos personagens. Houve quem intitulasse o romance de antipatriota e desmoralizador das famílias portuguesas.⁶⁵

No Brasil, o romance teve grande repercussão no meio intelectual. A célebre crítica de Machado de Assis foi talvez o ponto de partida para que Eça ficasse conhecido no país. Mas não foi apenas o autor de *Dom Casmurro* quem teceu

⁶⁴ Biblioteca Nacional Digital (s. d.), “Vida e obra de Eça de Queirós”. Página consultada em 7 de dezembro de 2007, <http://purl.pt/93/1/biografia/1871-1880longo.html>

⁶⁵ POSSANI, Célia A. N. *Eça de Queirós: A Ilustre Casa de Ramires; O Primo Basílio / Eça de Queirós; resumos, comentários, exercícios*. São Paulo: Núcleo, 1991. p. 22.

comentários sobre *O primo Basílio*. As aventuras de Luísa preencheram as páginas de diversos periódicos, ganhou elogios de Henrique Chaves e Ataliba Lopes de Gomensoro.⁶⁶

Na década de 1870 a escola realista no Brasil estava ainda no esboço, mas as discussões acerca da nova estética eram bastante acirradas. Havia quem a recebesse com intusiasmo como o Dr. Callado que, rebatendo o artigo de Machado, exaltara o estilo queirosiano.⁶⁷

Enfim, muitas críticas foram feitas a obra, ora elogiando suas inovações; ora reprovando a crueza do estilo. Mas o que devemos abstrair dessa breve observação sobre a recepção da obra no Brasil, é que, apesar de ter circulado amplamente no meio intelectual, nos periódicos, as críticas tecidas em trono do romance não ultrapassaram o nível estético, formal. As idéias que estão por trás do romance, e que constituem seu sentido, passaram, de alguma forma despercebidas pelos intelectuais brasileiros.

Isto nos permite fazer algumas observações acerca da dinâmica das idéias agregadas à obra. Talvez o tema do romance seja universal, mas a mensagem que seu autor tentou passar provavelmente tenha permanecido em Portugal. Isto porque as idéias (mesmo as que se pretendem universais e eternas) estão presas a uma determinada conjuntura, formuladas no seio de uma classe ou de um grupo singular. Mas note-se que mesmo em Portugal as idéias, a doutrina por trás da ficção, não parece ter surtido o efeito esperado. Num artigo, em 1878, Ramalho Ortigão comenta a obra. Após tecer todos os elogios possíveis ao romance do amigo, lamenta porque: “O primo Basílio supõe um estado de civilização artística superior à que existe na sociedade portuguesa.” Por isso a moral da obra “(...) é pouco acessível à maior parte das compreensões.”⁶⁸ É bem provável que nessas “compreensões” das quais fala Ramalho Ortigão não estejam incluídos os 80% de analfabetos que constituem a sociedade rural portuguesa. Que dizer disto?

Em primeiro lugar, diremos que Eça não obteve êxito em sua missão de transmitir na obra as idéias de sua geração. Talvez Machado tenha acertado ao afirmar que o enredo cativante tenha encoberto sua doutrina. Em segundo lugar,

⁶⁶ 150 anos com Eça de Queirós. P. 212

⁶⁷ *Idem.*

⁶⁸ ORTIGÃO, *op. Cit.*, p. 58

complementando a primeira observação, podemos afirmar que Eça era um aristocrata, que escrevia sobre o meio burgês e aristocrático e, ao que tudo indica, para a aristocracia. Desse modo, não é tão absurdo constatar esse contraste entre o sucesso comercial do livro e a propagação das idéias nele contidas.

CONCLUSÃO

Por trás de um enredo envolvente, do humor proporcionado pela galeria de personagens caricaturais, dos momentos de tensão ou erotismo, há indiscutivelmente um complexo sistema de idéias formadas. Essas idéias representam em grande medida as aspirações da chamada Geração de 70. Idéias que se desenvolvem num período muito particular da história de Portugal.

A trajetória intelectual de Eça de Queirós, legítimo representante dessa geração, nos permite fazer duas observações: 1) mesmo se tratando de um grupo formado a partir das mesmas idéias básicas, como a da imanência, ou o proudhonismo, ou as teorias de Taine; nem todos os seus membros compreenderam da mesma forma essas idéias. Ou, indo mais além, diremos que divergiam na forma de interpretar esses pensadores e de expressar as referidas idéias. Uns investiam em ações mais agressivas, como é o caso dos famosos embates de Antero de Quental; outros desprezavam atitudes mais exaltadas e pregavam a evolução pacífica e inexorável (como Eça e outros). Os membros da Geração de 70 acreditavam na Revolução, almejavam-na, mas as idéias de como esta se faria eram, por vezes, controversas; 2) Seguindo os passos de Eça de Queirós, desde Coimbra até a épocas das Conferências do Cassino Lisbonense, e assistindo de perto a evolução das idéias que forjaram o seu ponto de vista, chegamos à uma conclusão, que não deixa de complementar a primeira observação. As idéias, assim como os intelectuais, podem sofrer mutações: vemos que as concepções de Proudhon sofreram, por assim dizer, uma certa “deformação” no intelecto de Eça. Só para lembrar, Proudhon acreditava na Revolução por meio da reestruturação económica, enquanto Eça depositava confiança numa renovação cultural; o que era um sistema de idéias de teor fundamentalmente socio-económico, transformou-se num outro sistema que se volta prioritariamente para os aspectos socio-culturais. Isto prova que as idéias são processos e não entidades passíveis de classificação fixa. Entramos, então, em concordância com Eliseo Verón quando este afirma que à uma idéia não pode ser atribuída uma significação precisa, já que se trata de um *signo*, uma concepção representacional.⁶⁹

⁶⁹ CARDOSO, op. Cit., p. 96

Por tanto, Eça de Queirós acabou, não deformando ou descaracterizando as idéias de Proudhon, Hugo ou Michelet; ele apenas as redimensionou, adaptando-as à uma outra realidade: a da Portugal de fim-de-século, vista através de um artista e de um aristocrata.

A análise do romance, ou, da materialização, da representação das idéias sistematizadas por Eça de Queirós; e as considerações sobre a recepção da obra no Brasil e em Portugal, nos fornece dados que sustentam mais duas afirmações: 1) a mais óbvia, que a estrutura dos romance, os elementos temático e estilístico, confirma o sistema de idéias, as convicções e contradições de Eça e de sua geração; 2) que esse sistema de idéias estava de tal maneira atrelado à uma dada realidade, que não foi percebida por muitos leitores e críticos, mesmo em Portugal. Essa realidade de que falamos se configura no ambiente intelectual, aristocrático de Geração de 70. E ainda que Eça tenha lançado mão de recursos narrativos que acabaram popularizando a obra, tais como a caricatura, o humor etc., não conseguiu transmitir sua doutrina, que muito provavelmente ficou encoberta por esses mesmos recursos literários.

A partir disso tudo podemos refletir um pouco sobre a “trajetória das idéias”. Tomando a Geração de 70 como referência, vejamos: temos inicialmente as idéias de Proudhon, Victor Hugo, Michelet, etc.; em seguida temos a apropriação e o redimensionamento dessas idéias pelos membros da geração de Eça de Queirós, exemplarmente as idéias de Proudhon; e por fim, a materialização dessas idéias na Literatura Realista/Naturalista, representada pelo romance *O primo Basílio*, taxado por muitos de anti-patriota e imoral, quando a proposta do autor era justamente reformar o país que amava pela moralização dos costumes e renovação cultural. Simplificando: As idéias de Proudhon foram transformadas para o proudhonismo, que se materializou sob a forma do Realismo/Naturalismo, que por sua vez, na concepção de muitos leitores, não tinha nada de reformista ou doutrinal. O que isso significa? Significa que podemos reafirmar o caráter dinâmico, flexível das idéias. Que estas não devem remeter a significados fixos já que são passíveis de reapropriações e interpretações variadas, sofrendo mutações à medida em que se desloca no espaço, no tempo e nos grupos sociais.

Mesmo chegando a tais conclusões, permanece a sensação de que há muito o que se investigar. E, de fato, o campo das idéias, ou, a história intelectual, ainda carece de atenção. Apesar de se mostrar bastante fecundo e estimulante, se comparado à outros campos da história, muito pouco sabemos sobre ele.



BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1985.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 3.ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- _____. **O projeto de pesquisa em história, 1: da escolha do tema ao quadro teórico**. Rio de Janeiro, 2002.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queirós, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, S.A., 1986.
- _____. História e literatura. In: _____. **À beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- _____; CAVALO, Guglielmo. **História da Literatura no Mundo Ocidental**. Vol. 2. São Paulo: Ática, 1997.
- COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- Encontro Internacional de Queirozianos, 3., São Paulo, 1995. **150 anos com Eça de Queirós**. – São Paulo: Centro de Estudos Portugueses: Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa /FFLCH/USP, 1997.
- FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. **A filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: JorgeZahar, 2000.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. O que é um autor. In: **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud: A paixão terna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O queijo e os vermes**: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2005

JÚNIOR, António Salgado. **As conferências do Casino**. Lisboa, 1930.

JÚNIOR, Benjamim Abdala. **Literatura comentada: Eça de Queirós**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: Novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

Les philosophes classiques du XIX siècle en France : Par H. Taine. Paris : Librairie Hachette et cie, 1912

MACHADO, Álvaro Manuel. **A geração de 70: uma revolução cultural e literária**. Lisboa: ICALP, 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa**. 32.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

Obras de Eça de Queirós. Vol. I. [O crime do padre Amaro – A cidade e as serras – Prosas Bárbaras – Contos – O primo Basílio – A ilustre casa de Ramires – O mandarim – A relíquia]. LELLO e IRMÃO – EDITORES. Porto.

Obras de Eça de Queirós. Vol. II. [Os Maias – Cartas de Inglaterra – Últimas páginas – As minas de Salomão – Correspondência de Fradique Mendes – Ecos de Paris – Cartas familiares e bilhetes de Paris – Notas contemporâneas]. LELLO e IRMÃO – EDITORES. Porto.

Obras de Eça de Queirós. Vol. IV. [A tragédia da Rua das Flores – Páginas de jornalismo – Cartas de Londres – colaboração em jornais e revistas – Revista de

Portugal (novos fragmentos) – Folhas soltas – Correspondência]. LELLO e IRMÃO – EDITORES. Porto.

Obras de Eça de Queirós. Vol. XIV. [O Egípto – Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas]. LELLO e IRMÃO – EDITORES. Porto.

ORTIGÃO, Ramalho; QUEIRÓS, Eça de. **As farpas.** V. II. Dois Mundos Editora LTDA. Rio de Janeiro, 1943.

POSSANI, Célia A. N. **Eça de Queirós: A Ilustre Casa de Ramires; O Primo Basílio** / Eça de Queirós; resumos, comentários, exercícios. São Paulo: Núcleo, 1991.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas,** São Paulo: Contexto, 2005.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a propriedade?.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio.** São Paulo: O Globo, 2000.

RÉMOND, René. **O século XIX (1815-1914).** São Paulo: Cultrix, 2004.

SARAIVA, Antônio José. **As idéias de Eça de Queirós.** Lisboa: Livraria Bertrand, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

TENGARRINHA, José (org.). **História de Portugal.** 2. ed., Bauru: EDUSC; São Paulo: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2001.

TÉTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores.** Bauru: EDUSC, 2000.

OUTRAS FONTES

Biblioteca Nacional Digital (s. d.), “Vida e obra de Eça de Queirós”. Página consultada em 7 de dezembro de 2007, <http://purl.pt/93/1/biografia/1871-1880longo.html>

Anexo I

Cronologia

1845 – Nasce Eça de Queirós, filho de José Maria Almeida Teixeira de Queirós e Carolina Augusta Pereira de Queirós, no dia 25 de novembro em Póvoa do Varzim.

1849 – Casam-se seus pais, no dia 3 de setembro. Eça é entregue a seus avós paternos, após viver até os quatro anos de idade em casa de sua ama.

1851 – Golpe de Estado em Portugal e início do período de monarquia constitucional conhecido como *Regeneração* (1851 – 1910).

1859 – Darwin publica a *Origem das Espécies*, em que defende a seleção natural.

1861 – Eça inicia o curso de Direito em Coimbra.

1865 – Conhece Antero de Quental. Claude Bernard publica *Introdução à Medicina Experimental*, que vai influenciar os escritores naturalistas. Início da publicação dos vinte volumes de *Filosofia da Arte* (1865 – 1869), de Taine, que defende o determinismo do meio e da hereditariedade.

1866 – Eça forma-se em Direito e muda-se, pela primeira vez, para a casa paterna em Lisboa. Participa das reuniões do Cenáculo. Funda e dirige o jornal de oposição *O Distrito de Évora*.

1871 – Realizam-se as *Conferências do Cassino Lisbonense*, fechadas pelo governo. Eça profere a quarta conferência: *A Nova Literatura* ou *O Realismo como Nova Expressão da Arte*. Ocorre a Comuna de Paris.

1872 – O escritor é nomeado cônsul em Havana.

1878 – Transfere-se para o consulado de Bristol (Inglaterra), após permanência de quatro anos em Newcastle-on-Tyne, no mesmo país.

1886 – Casa-se com Emília de Castro Pamplona, filha de seu amigo conde de Resende.

1888 – Graças à influência política de Oliveira Martins, é nomeado cônsul em Paris. Integra o grupo *Vencidos da Vida*.

1890 – Ultimato inglês a Portugal.

1891 – Revolta popular de 31 de janeiro contra o regime monárquico. Antero de Quental preside a Liga Patriótica.

1900 – Eça de Queirós morre em Paris, em sua casa de Neuilly.

1910 – Proclamação da República portuguesa.

Anexo II

Obras de Eça de Queirós

Publicadas em vida:

Prosas Bárbaras (1867)

O mistério da estrada de Sintra (em colaboração com Ramalho Ortigão) (1871)

O crime do padre Amaro (1876)

O primo Basílio (1878)

O mandarim (1880)

A relíquia (1887)

Os Maias (1888)

Uma campanha alegre, As farpas (1890-1891)

Publicações póstumas:

A correspondência de Fradique Mendes (1900)

A ilustre casa de Ramires (1900)

A cidade e as serras (1901)

Contos (1902)

Cartas de Inglaterra e Ecos de Paris (1905)

Cartas familiares e Bilhetes de Paris (1907)

Notas contemporâneas (1909)

Últimas páginas (1912)

A capital, O conde d'Abranhos e Alves e Cia (1925)

O Egito (1926)

Crônicas de Londres e Cartas de Lisboa (1944)

Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas (1929)

A tragédia da rua das flores (1980)